

# Práticas corporais e pandemia no cotidiano das orlas de Petrolina-PE e Juazeiro-BA

*Body practices and daily life during the pandemic on Petrolina-PE and Juazeiro-BA*

**Bartolomeu Lins de Barros Júnior**

Doutorando da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília

**Edson Marcelo Hungaro**

Professor da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília

## Resumo:

Trata-se de uma discussão em torno das práticas corporais em tempos de pandemia da Covid-19 nas orlas de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, em 2020 e 2022. Período em que determinações político sanitárias alteraram os hábitos e comportamentos humanos. Com referência nos estudos do cotidiano de Agnes Heller e Gyorgy Lukács o trabalho conta com observação participante em campo e o uso de recursos imagéticos fotográficos sobre conteúdos da cultura corporal na região delimitada. Situa-se, no contexto da sociedade capitalista, onde a classe trabalhadora em vulnerabilidade sofre o impacto das consequências das crises econômicas e da emergência sanitária. Um período em que, por um lado, limita o acesso à cultura corporal e, por outro, possibilita sua vivência como estratégia arriscada para driblar os efeitos psíquicos e sociais da pandemia.

**Palavras-chave:** práticas corporais; pandemia; cotidiano.

## Abstract:

*This is a discussion about bodily practices in times of the Covid-19 pandemic on the borders of Petrolina-PE and Juazeiro-BA, in 2020 and 2022. A period in which political health determinations changed human habits and behaviors. With reference to the daily studies of Agnes Heller and Gyorgy Lukács, the work relies on participant observation in the field and the use of photographic imagery resources on contents of body culture in the delimited region. It is situated in the context of capitalist society, where the vulnerable working class suffers the impact of the consequences of economic crises and the health emergency. A period in which, on the one hand, it limits access to body culture and, on the other hand, makes it possible to experience it as a risky strategy to circumvent the psychic and social effects of the pandemic.*

**Keywords:** bodily practices; pandemic; daily.

## Introdução

O presente trabalho visa apresentar uma discussão acerca de práticas corporais no cotidiano das orlas de Petrolina-PE e Juazeiro-BA no contexto da pandemia de COVID-19<sup>1</sup>. Para tanto, é necessário considerar que os impactos da pandemia afetam consideravelmente a classe trabalhadora em situação de vulnerabilidade social, na medida em que os dados epidemiológicos apresentam majoritariamente a prevalência dos casos e mortes da população negra e pobre.

Este recorte exige que se contextualize o modo como os seres humanos se reproduzem socialmente, pois não é possível desconsiderar que as formas de sociabilidade amparadas no sistema de produção capitalista se orientem pela ameaça à democracia, pela precariedade do trabalho e pela exploração desgovernada sobre os elementos da natureza. De tal sorte que o cenário que vai configurar o movimento da pandemia em todo o mundo, bem como as decisões políticas e econômicas se desenha sob o que Mészáros (2011) vai tratar como uma crise estrutural do capital.

---

<sup>1</sup> A primeira morte registrada por Covid-19 no Brasil foi dia 16 de março de 2020. Em 2 de junho de 2021, quando do início da sistematização das observações deste estudo, tinham morrido 467.408 pessoas. A maioria destes são pobres, negros e portadores de comorbidades. Informações disponíveis em <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19>.

Os países mais pobres e as populações mais vulneráveis, ao não terem acesso aos bens sociais de proteção, isto é, a satisfação de suas necessidades primárias, visto que são expostas às condições de precariedade do trabalho acabam sofrendo da assimetria que essa emergência sanitária mundial escancara. Nessas circunstâncias, é possível considerar que uma negação da corporalidade se consolida durante a pandemia como uma condição de confirmação da lógica em que essa sociedade se reproduz. Ou seja, por uma perspectiva de limitação do desenvolvimento humano atrelado à subsunção do trabalho ao capital<sup>2</sup>. Isso implica considerar que a ameaça à existência biológica vai se tornando uma possibilidade, na medida em que o acesso aos recursos do gênero humano, tais como: os produtos da ciência e a noção ética do bem comum vão se caracterizando por políticas negacionistas articuladas aos interesses do capital.

Ao trazer a noção de corporalidade para a discussão, o artigo busca tratar das práticas corporais no cotidiano pandêmico a partir de uma ontologia do ser social (LUKÁCS, 2013), pois é na constituição do ser - mediada pela relação com a natureza e com outros seres humanos, através do trabalho - que a existência se põe em totalidade. O pressuposto que é assumido indica que a esfera social que integra o ser humano se traduz em uma corporalidade constituída e em desenvolvimento na existência socialmente posta. Assim, portanto, o ser social pressupõe, em seu conjunto e em cada um dos seus processos singulares, o ser da natureza inorgânica e da natureza orgânica (LUKÁCS, 2012). E mais precisamente:

As formas de objetividade do ser social se desenvolvem à medida que a práxis social surge e se explicita a partir do ser natural, tornando-se cada vez mais claramente sociais. Esse desenvolvimento, todavia, é um processo dialético, que começa com um salto, com o pôr teleológico no trabalho, para o qual não pode haver nenhuma analogia na natureza. A existência do salto ontológico não é anulada pelo fato de esse processo, na realidade ter sido bastante longo, com inúmeras formas de transição. Com o ato do pôr teleológico no trabalho está presente o ser social em si (LUKÁCS, 2012, P. 287).

---

<sup>2</sup> Por uma síntese baseada em (ZEFERINO, 2017), as implicações da subsunção formal e real do trabalho ao capital nas relações sociais têm origem na base material e são condição sine qua non para o acúmulo e expansão do capital. Assim, analisando a subsunção do trabalho ao capital de forma geral e em seus momentos históricos, encontra-se os nexos causais que decorrem desse processo e que o sustenta nas diversas mediações das relações sociais.

Ao apresentar a corporalidade como uma expressão genuinamente humana e constituída pelo desenvolvimento do ser social, ou seja, quando através da sensibilidade e da síntese de músculos, ossos e pele na elaboração do mundo dos seres humanos através do trabalho, o cotidiano vai se constituindo como resultado do começo e o fim de toda ação humana (LUKÁCS, 1966).

É no cotidiano das orlas de Petrolina-PE e Juazeiro-BA, onde o rio São Francisco representa um recurso fundamental para a sobrevivência no sertão nordestino, que o acervo da cultura corporal<sup>3</sup> ribeirinha vai surgir para a satisfação das necessidades postas histórico e socialmente. A busca de respostas cunhadas pelo corpo humano aos desafios colocados pela paisagem nordestina suscita conteúdos fundamentais que servem para o desenvolvimento humano, para as gerações que os utilizarão para suprir suas necessidades materiais e espirituais.

Contudo, ao se tratar dos conteúdos da cultura corporal como possibilidades de desenvolvimento humano e social no contexto da crise sanitária global, depara-se com uma assimetria demarcada pelas contradições da sociedade de classes no capitalismo. Na medida em que no contexto de pandemia, a exigência de comportamentos protocolares de proteção aos riscos de contaminação configura outros quadros de possibilidades e/ou negação das vivências de conteúdos da cultura corporal.

Neste sentido, uma questão se coloca no contexto desta crise sanitária da pandemia de Covid-19: o que as práticas corporais no cotidiano das orlas de Petrolina-PE e Juazeiro-BA podem revelar da realidade? Assim, para dar conta minimamente desta questão, o texto busca na noção de cotidiano de Agnes Heller e Gyorgy Lukács explicar como as práticas corporais são utilizadas nesse contexto. Utiliza-se, ainda, de recursos imagéticos fotográficos registrados pelo próprio autor durante observações participantes<sup>4</sup>, juntamente com anotações em caderno de campo de

---

<sup>3</sup> Segundo um coletivo de autores do campo da Educação Física, Cultura Corporal é uma área do conhecimento que se desenvolve a partir das práticas corporais. O conjunto dessas práticas corporais são criadas em tempos e espaços determinados historicamente e passadas de geração a geração, a exemplo dos jogos, lutas, ginásticas, esportes e o lazer (SOARES, 1992).

<sup>4</sup> O emprego do método da observação participante (MINAYO, 1999) considera a possibilidade de maior

entrevistas abertas e informações dos sujeitos fotografados, bem como de lugares, horário das práticas, dos encontros dos grupos praticantes e outros elementos considerados úteis na observação.

O uso da fotografia, neste trabalho, funda-se nas suas possibilidades como documento para auxiliar as análises e somar ao texto acadêmico informações que possam descrever e explicar o fenômeno. Os registros realizados, nesse estudo, possuem uma intencionalidade, mas não se reduzem a um elemento de dado bruto. O uso deste recurso está de acordo com o que afirmam Salvagni & Silveira (2013, p. 6):

mesmo que as fotografias sirvam para justificar as análises textuais, complementem o discurso inscrito nas vivências de pesquisa e nas falas colhidas ao longo do trabalho de campo, ainda assim, há uma intenção em acoplar as imagens em separado da tese para enfatizar uma reflexividade do autor com a própria imagem. Isso nos dá a possibilidade de explicar a intencionalidade da imagem, através da cena, da luz, do conteúdo, do enquadramento e de demais elementos que compõe a imagem e, ao mesmo tempo, dá a liberdade para que o leitor tenha as suas próprias percepções diante da imagem que adotamos enquanto formato de arte.

As imagens deste trabalho foram realizadas em sua maioria nas sextas-feiras das 16h às 19h e em datas programadas de algum evento específico, entre outubro de 2020 e janeiro de 2022<sup>5</sup>. Foram atendidos os protocolos de segurança indicados pelos órgãos oficiais na pandemia.

## Entre um pandemônio e a pandemia

Muitos estudos foram publicados analisando o impacto que a pandemia da Covid-19 provocou na vida social. Alguns amplificaram o cenário pandêmico a partir

---

inserção nos costumes e hábitos já presentes nas orlas de Juazeiro-BA e Petrolina-PE, aprofundando as análises sobre as práticas corporais que vão se destacar no período de restrições da pandemia. Ao permitir que incursões mais constantes no cotidiano se torna possível aproximações e relacionamento multilateral e com prazo relativamente longo entre os praticantes de conteúdos da cultura corporal nas margens do rio São Francisco.

<sup>5</sup> A escolha dos dias e horários para fotografar se deve a disponibilidade do autor e pelas condições de segurança que foi identificada no campo. Os sábado e domingo foram considerados dias de maior frequência aos lugares antecipadamente definidos para a coleta do material, mas se tornou inviável a visita devido alguns grupos não estarem presentes com suas práticas regulares.

das contradições movidas no interior da sociedade capitalista e outros sinalizaram que há respostas à pandemia que podem ser uma oportunidade de rever a maneira como a sociedade se relaciona com a natureza.

Entre esses autores, o coreano Byung-Chul Han (2020) apontou, no início da pandemia, que o contexto de vigilância biopolítica se mostrou como uma tendência aproximada do fenômeno da ameaça do terrorismo, pois os indivíduos precisariam ceder aos procedimentos protocolares de acesso ilimitado a sua esfera. Tal empreitada vai ao encontro do ideário liberal ocidental que promove uma noção de liberdade do indivíduo que não autoriza expô-lo como objeto de vigilância. Apesar das conquistas ideológicas do liberalismo, levando em conta que seus princípios foram caros para o contexto final do modo produção feudal e a política dos soberanos, o pensador coreano levanta questões que importa para a presente discussão. A pandemia de Covid-19 pode consolidar uma biopolítica digital que se organiza sobre os corpos das pessoas, na intenção de controle, vigilância e disciplinarização, especialmente no domínio da saúde?

Byung-Chul Han ao refletir sobre o princípio da liberdade individual como postulado que traduz uma filosofia política e uma doutrina econômica pautada na proteção dos direitos individuais e da propriedade privada, que se desdobra no ideal de livre mercado, como fundamentos de países ocidentais, ao se deparar no contexto da pandemia global revela uma contradição e um impasse relevantes: na medida em que há urgência, pela necessidade de controle biológico e vigilância social exigidas para conter a contaminação dos vírus - que vai se tornando cada vez mais comum na vida contemporânea - o resultado é que as pandemias acabam por se apresentarem como formas agressivas nessa parte do mundo. Mesmo considerando o caráter mais explícito de que o capitalismo se desenvolve com a privação da liberdade individual, em especial a dos trabalhadores, para o pensador coreano,

O capitalismo como um todo está sendo transformado em capitalismo de vigilância. Plataformas como Google, Facebook ou Amazon nos monitoram e manipulam, a fim de maximizar seus lucros. Cada clique é gravado e analisado. Somos guiados como fantoches por fios algorítmicos. Mas nos sentimos livres. Estamos testemunhando uma dialética da liberdade, que a transforma em servidão. Isso ainda é liberalismo? (HAN, 2020, p. 4).

Por outro lado, Slavoj Žižek afirma que a pandemia exige "solidariedade

incondicional e de uma resposta globalmente coordenada, uma nova forma daquilo que certa vez se chamou de comunismo” (ZIZEK, 2020, p. 18). Esse pensador vai supor uma possível tendência que pode se tornar uma forma de viver similar à rotina imposta pela pandemia, quando o trabalho nos computadores será mais sistemático, as comunicações via videoconferência vão se tornar mais comuns e as práticas corporais vão se consolidar junto ao home office.

Zizek sugere uma perspectiva emancipatória por trás desse pesadelo vivido na pandemia. Nesse contexto, as cidades assumiriam outro ritmo em torno do consumo e do gasto de energia. Tal é o exemplo da cidade chinesa Wuhan e suas avenidas tornadas silenciosas; tendo como a diminuição dos níveis de poluição nas diversas paisagens naturais. Na soma desses aspectos contra distópicos, o autor toca em um ponto fundamental no que tange ao mundo capitalista: o tempo acaba por se tornar uma possibilidade e não um limite de redução da vida. O tempo seria liberto do que ele chama do agir desenfreado, do cotidiano dos objetivos e escolhas imediatas. De certo, a pandemia provocou uma nova forma de agir sem ter que registrar o ponto no trabalho e orientados pelo método da quarentena.

Para Ricardo Antunes (2020), a pandemia se tornou um fenômeno dos interesses do capital, cujo modo de produção implica em relações que são propícias para a ampliação da contaminação. Desse modo, parece ter com isso vantagens para justificar o acúmulo de riqueza. Devendo, portanto, capitalizar a política do “deixar para trás as vidas improdutivas”, como bem lembrou Dunker (2020).

Tal relação revela como o cenário atual se tornou um pandemônio bem estruturado e ordenado para o que esta discussão vá indicar como uma negação e destruição da cultura corporal. Algo que se desenvolve bem antes da pandemia da Covid-19, mas que segundo Antunes se desnuda na tragédia atual, pelos inúmeros de corpos enterrados sem despedidas nas covas enlameadas no país. A pandemia no Brasil tem distinção de classe: os mais afetados são os trabalhadores e as trabalhadoras pobres e em sua grande maioria negros e negras<sup>6</sup>.

Os dados da pesquisa Pnad Covid-19 vão apresentar que os pretos e pardos somam 20% dos 19 milhões de brasileiros que foram afastados do trabalho em maio de 2020 e os brancos 16,1%. Entre eles, 9,7 milhões ficaram sem remuneração. Dos que

---

<sup>6</sup> Os dados da pesquisa da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) Covid-19 realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e iniciada em 4 de maio de 2020, vai medir os efeitos do novo coronavírus sobre a população na saúde e no mercado de trabalho.

conseguiram trabalhar em home office, apenas 9% dos pretos e pardos tiveram acesso, enquanto 18% das pessoas brancas aderiram a essa iniciativa. E entre os que se afastaram do trabalho, cerca de 33,6% das trabalhadoras domésticas sem carteira assinada se somaram a outros trabalhadores informais e de outros do setor de serviços. No total, o número de desempregados nesse período no país apontou 12% da população de pretos e pardos, enquanto 9% eram brancos.

O impacto da pandemia vai mostrar como a perda de direitos, os problemas ligados ao meio ambiente, os modelos políticos que se assanham contra a democracia são resultados dos interesses do capital que afetam o acesso à cultura corporal e a todo o patrimônio cultural inerente. A postura negacionista de governantes e membros de representantes da sociedade civil diante da pandemia da covid-19 só indica o quanto se quer ocultar o pandemônio e a intensificação do aniquilamento dos corpos da classe trabalhadora.

Nesse contexto, o acesso ao conteúdo da cultura corporal e as possibilidades de desenvolvimento humano ficam garantidos aos que atuam no cotidiano dominando as estratégias mais eficazes sobre a pandemia, ou seja, são beneficiados os que possuem espaços, tempo e conhecimento para escolhas seguras sobre as vivências de práticas corporais na pandemia. Revelando-se, portanto, que é uma pandemia do capital, com as características definidas de uma sociedade de classes.

Antes da pandemia os altos números de desempregados no Brasil e EUA refletia bem a crise que o capital vive na atualidade. As consequências disso aparecem nas formas de exploração de trabalho e de precarização expandida no mundo todo. Segundo Antunes,

antes da pandemia, mais de 40% da classe trabalhadora brasileira encontrava-se na informalidade ao final de 2019. No mesmo período, uma massa em constante expansão de mais de cinco milhões de trabalhadores/as experimentava as condições de uberização do trabalho, propiciadas por aplicativos e plataformas digitais, o que até recentemente era saudado como parte do "maravilhoso" mundo do trabalho digital, com suas "novas modalidades" de trabalho on-line que felicitava os novos "empreendedores". Sem falar da enormidade do desemprego e da crescente massa subutilizada, terceirizada, intermitente e precarizada em praticamente todos os espaços de trabalho (ANTUNES, 2020, p. 9).

Para este autor, tal condição de existência vai refletir nos altíssimos índices globais



de mortalidade e miserabilidade na totalidade da classe trabalhadora. Assim, diante da constatação de tamanho impacto, implicado pela crise econômica e sanitária, o trabalhador não encontra os meios para sobreviver pelo seu trabalho.

Tal cenário aprofundado pela Covid-19 vai revelar que a apologética expressão de “aproveitar a crise para ficar atento às oportunidades” se concretiza para empresas que já se sobressaíam no atual estado de crise econômica, mas que ganhou aceleração pela urgência sanitária. Os relatórios financeiros e os interesses de investimentos em ações de empresas farmacêuticas, sistemas de ensino a distância, bem como as tecnologias de lazer virtual e redes sociais, como também as plataformas digitalizadas de e-commerce, que tendem ao monopólio comercial, são exemplos claros de como o mundo se movimenta na atualidade.

O que não se expõe é que a riqueza se acumula com o trabalho humano vivo. Assim, nesta etapa histórica do capitalismo a invisibilidade dos trabalhadores é discurso fetichizado, na medida em que o trabalho precarizado na produção de elementos químicos, nos modelos de ensino digitalizados e nos serviços oferecidos pelas plataformas virtuais é escondido pela relação aparente com os softwares de interação e consumo.

Antunes parece estar certo ao reivindicar que se trata muito próximo do sentido de um pandemônio o que se vive no presente, quando uma associação de pessoas que detém o poder para promover guerras, desordens e precarização das condições de sobrevivência potencializa seus impactos ao encontrar “oportunidades” com fatos críticos como a pandemia. Tal fenômeno se arrasta pelos continentes e sobre populações em condições de vulnerabilidade de todos os tipos. Isso tem se mostrado como a normalização própria do capitalismo, um modo de produção que desenvolveu formas de estar no mundo pela violência, através do risco iminente de morte e do trabalho precarizado. Uma condição para que o cotidiano se manifeste de maneira naturalizada pelas estruturas que se aprofundam, ainda mais, na contradição entre o capital e o trabalho durante a pandemia.

## O cotidiano

Na introdução, já é possível identificar que a perspectiva dos estudos do cotidiano almejados na discussão se desdobra por um viés crítico e norteados pelos achados de

autores marxistas. Tais autores que constituem a chamada Escola de Budapeste, liderados pelo filósofo húngaro Gyorgy Lukács, avançam sobre as interpretações marxistas derivadas do projeto do socialismo real e com críticas ao marxismo soviético e de viés stalinista. A crítica se pretende uma renovação marxista pautada na revisão de postulados da tradição marxista e assume posturas relevantes no domínio da política. Netto (2012) mostra que os pressupostos daquela tradição (soviética e stalinista) são enfraquecidos ao não dar conta de compreender o movimento da Europa oriental e das sociedades capitalistas ocidentais.

Tal orientação e inspiração da Escola de Budapeste se fazem pelo contato com obras fundamentais de Marx que não tinham sido expostas até 1932, a exemplo dos Manuscritos econômico-filosóficos de 1844 e a Ideologia Alemã em sua totalidade, redescoberta em 1933.

O conhecimento de tais textos trouxe muitas perspectivas analíticas ao debate marxista. Abriu-se, entre outras possibilidades, uma perspectiva para a discussão do trabalho como “essência humana”, bem como foram trazidas as bases para uma compreensão crítica do cotidiano. Tais perspectivas tiveram que ser desenvolvidas sempre “driblando” o controle do marxismo oficial.

É com Lukács (1966; 2012; 2013) que a temática do cotidiano vai atravessar a tradição marxista e influenciar uma série de estudiosos. A partir de sua obra sobre a estética, o filósofo vai desenvolver a noção de arte passando pelo cotidiano e partindo da categoria trabalho como referência para as diversas formas de práxis sociais. Desta forma, uma análise histórica e crítica possibilitou que o cotidiano fosse compreendido na relação entre o processo de objetificação humana e as circunstâncias da realidade em sua expressão social e natural, assim, distante das interpretações deslocadas da vida material (notadamente aquelas que compreendiam o transcórre do cotidiano como experiências autônomas, fortuitas e desprovidas de determinações).

A investigação do pensamento cotidiano é uma das áreas menos pesquisadas até o presente. Há muitos trabalhos sobre a história das ciências, da filosofia, da religião e da teologia, mas são extremamente raros os que se aprofundam em suas relações recíprocas. Em virtude disso, resulta claro que justamente a ontologia se eleva do solo do pensamento cotidiano e nunca mais poderá tornar-se eficaz caso não seja capaz de nele voltar a aterrar - mesmo que de forma muito simplificada, vulgarizada e desfigurada (LUKÁCS, 2012, p. 30).

Para Lukács, o cotidiano é um espaço vivido de saberes constituídos e funcionais às atividades práticas e imediatas. Essas atividades são mais bem compreendidas pelo conceito de práxis - que para Lukács se trata das respostas dos seres humanos às necessidades que surgirem em suas relações com a natureza e com outros humanos, em forma mais complexas e historicamente situadas. Tal elaboração advém do entendimento de que o trabalho funda o ser social (LUKÁCS, 2013). O autor vai mostrar, por exemplo, a maneira como a ciência ascende a partir do pensamento e da práxis da cotidianidade, predominantemente pelo trabalho, e sempre retornando ao trabalho, "fecundando-o".

Apesar de reconhecer o cotidiano como solo genético das atividades humanas mais elaboradas, Lukács alerta para o fato,

de que a origem de nossas representações ontológicas está na cotidianidade não significa que podem e devem ser aceitas acriticamente. Ao contrário. Tais representações estão repletas não apenas de preconceitos ingênuos, mas com frequência de ideias manifestamente falsas que, se às vezes provieram da ciência, nela penetraram oriundas sobretudo das religiões etc. etc. Entretanto, a crítica necessária não autoriza descurar desse fundamento cotidiano. O prosaico e terreno senso do cotidiano, alimentado pela práxis diária, pode de quando em quando constituir um saudável contrapeso aos modos de ver estranhados da realidade das esferas "superiores". Porém, do ponto de vista de uma ontologia do ser social, talvez o mais importante seja aquela ininterrupta interação que tem lugar entre teorias ontológicas e práxis cotidiana (LUKÁCS, 2012, p. 30).

É pelo trabalho como uma mediação entre o ser humano e a natureza que se desenvolve o que Lessa (2000) denomina, a partir do texto de Lukács, de "mundo dos homens". Ou seja, o processo de desenvolvimento do ser humano ocorre com as transformações que acontecem por esse ato humano do trabalho sobre a natureza e no próprio ser humano. Essa mediação é crucial para a reprodução da espécie e do gênero<sup>7</sup>, ou seja, é no trabalho que se identifica a criação do novo constantemente, para dar conta dos problemas que aparecem no dia a dia. Embora, nesse sentido, a humanidade nunca esteve pronta, mas vai se constituindo distanciando-se da dependência das esferas orgânicas e inorgânicas, que estão incluídas em sua determinação social derivada do desenvolvimento de suas objetivações. Por isso que o ser humano, para

---

<sup>7</sup> Segundo Duarte (2013), a formação do indivíduo como um ser humano é a sua formação como um ser pertencente ao gênero humano. Tal consideração se faz pela possibilidade de uma abordagem histórica da formação do indivíduo. Enquanto espécie, deve-se se considerar o longo processo de evolução da vida e sua legalidade específica e imanentes que vincula a esfera biológica ao desenvolvimento do ser social.

Lukács, é um ser que se objetiva e assim, graças a tal singularidade, realiza um complexo social que vai se configurar (com particularidades) pela cultura, costumes e valores, em diferentes momentos históricos, em partes constituintes da totalidade.

Ao se objetivar, o ser humano é um ser que dá respostas aos problemas encarados no próprio mundo que irá ser desenvolvido. Nesse intuito de se manter vivo, o agir humano vai se caracterizando definitivamente como social, produzindo, portanto, a própria vida numa relação “espontaneamente materialista”, como diz Lukács (2012). Desse modo, a partir daí surgem rotinas, costumes e modos particulares de reação aos objetos em volta. Tal estrutura que se ergue materialmente, pelas vontades e necessidades humanas, caracteriza-se como o espaço da vida cotidiana. Na relação que se estabelece, incorporam-se saberes que se tornam úteis para o bom “funcionamento” no cotidiano. Tais saberes são elaborações heterogêneas derivadas dessa relação do ser humano com a natureza e com ele mesmo, neste sentido, são os resultados das eficácias ou dos erros acumulados frente aos problemas do mundo criado. Contudo, para o entendimento da realidade vão se colocar por várias representações de mundo que se apresentam de formas contraditórias entre si. Nesse sentido, Lukács alertar que pode coexistir aí a consciência humana com representações idealistas, religiosas, supersticiosas etc (LUKÁCS, 1966; 2012).

Uma demanda de necessárias soluções e encaminhamentos para cumprir as necessidades humanas derivadas de uma vida social mais complexa exige que os saberes sejam eficazes para que o ser humano garanta sua sobrevivência. Contudo, muitas vezes o acesso ao conhecimento incorporado na vida cotidiana pela obtenção de soluções de sucesso não é apreendido por razões diversas, restando ao indivíduo e à comunidade o acionamento de elaborações que não passam pelo patrimônio do gênero humano. São pensamentos e teorias originárias de mistificações, superstições, idealizações e passagens religiosas que acabam se tornando referências incorporadas no cotidiano.

Em uma obra mais tardia, Lukács trata como esse teor irracionalista pode se efetuar como recurso sistematizado nas teorias de filósofos importantes do século XX<sup>8</sup>, desse modo, as explicações sobre a realidade se colocarão em várias esferas da vida com esse padrão mistificado. Assim, a negação do real pela ausência de conhecimento

---

<sup>8</sup> Tanto no livro de 1954 *A destruição da razão* (2020) como de sua obra maior *Para uma ontologia do ser social*, em especial no volume I (2012), Lukács vai enfrentar uma produção filosófica que ele as coloca no conjunto de concepções decadentes da burguesia.

da origem dos fenômenos e processos sociais favorecerá esse empenho sistemático das teorias idealistas e irracionalistas. A vida cotidiana então se desenvolve por uma complexidade social que revela uma imbricada teia de saberes contraditórios que serão recrutados em busca de respostas às imposições das causalidades naturais e sociais.

Mas Lukács nos mostra que buscar compreender o cotidiano a partir de suas determinações está longe de ser algo prioritário ao indivíduo, pois a ele demanda aquilo que lhe é útil e prático. Por isso, as respostas que se colocam ao indivíduo no cotidiano são imediatamente práticas. Desse modo, as circunstâncias que se desdobram na dinâmica social exigem elaborações do momento para o indivíduo enfrentar os problemas presos pelo imediato. Assim, é neste cenário que o ser humano atua e se reproduz. Avançar sobre essa teia de imediatismo prático é uma necessidade do ser humano para que se desenvolva fora dessa legalidade condicionada. Para tanto, é preciso acionar a abstração sobre os fenômenos e compreender as causalidades impostas para além das analogias recorrentes. É preciso saltar do cotidiano e retornar a ele com o conhecimento elaborado com as conquistas do gênero humano, trata-se, por exemplo, tanto da ciência como da arte, a fim de um esclarecimento sobre as dificuldades vividas.

Neste sentido, recobra-se a questão principal que origina a presente discussão, quando que práticas corporais vivenciadas em tempos de pandemia podem contribuir para o entendimento da realidade. Diante disso, entende-se que o cotidiano como esfera da vida não se apresenta reduzido em objetivações que impedem o desenvolvimento humano por estar nos limites das reações imediatas, mas por assim ser, demanda outras objetivações enriquecidas das conquistas do gênero humano que possibilite uma reprodução social com referências fora do eixo das determinações sociais que o ordenamento capitalista imputa.

## O cotidiano da pandemia

A pandemia da Covid-19 alterou relevantemente o cotidiano, assim, expressões como “novo normal” têm sido usadas para representar uma realidade marcada pela necessidade de alteração nos hábitos e comportamentos. Já, exigências como quarentena, lockdown, distanciamento social, uso de máscaras, higienização das mãos são técnicas que rearranjam os indivíduos socialmente.

Heller (2008) diz que a vida cotidiana possui uma estrutura, ou seja, não se atua no tempo e espaço sem qualquer determinação. Como os seres humanos vivem em uma sociedade que se organiza e se reproduz pelo modo de produção capitalista, a cotidianidade é demarcada por essa estrutura. Frente a tal definição se redobra a atenção quando essa quadra histórica é substancialmente demarcada desde o início de 1970, por fenômenos sociais importantes que iriam expor uma crise sem precedentes no sistema capitalista. Esses fenômenos interferem fundamentalmente no movimento de reprodução que passará a adquirir as características de uma crise estrutural com impactos em todas as esferas da vida. Esse contexto é acentuado com contradições irrompidas em 2008 com a crise financeira mundial (NETTO, 2012).

Esse contexto impactou a vida em diversos aspectos, tanto da esfera orgânica que passa pela degradação dos ecossistemas, como interferiu nas formas de organização social. Nessa crise de totalidade, desvios de normalidade vão se mostrando, a partir do aparecimento de pandemias cada vez mais frequentes e relacionadas com a destruição maciça de florestas tropicais<sup>9</sup>.

Já, citado logo acima, os efeitos desta crise na vida social caem como avalanche sobre a classe trabalhadora, produtora dos bens que cobrem as necessidades tanto da vida como do capital. Precarizada em seus modos de vida, a classe trabalhadora acaba sofrendo com mais eminência dos problemas causados pela crise estrutural, fundamentalmente pela condição de pauperização ser princípio para o acúmulo de riqueza dos proprietários do capital.

Neste contexto, os patrimônios ambiental, cultural e econômico decaem em seus conteúdos e formas. Desse modo, o empobrecimento é constatado no aniquilamento das populações originárias e periféricas urbanas, na destruição dos ecossistemas e na mercantilização da produção cultural. Sem considerar que o conhecimento produzido para encarar tais problemas é, muitas vezes, referenciado na própria imediatez que acontece os fenômenos, no furor dos acontecimentos, na aparência de como se mostra a realidade.

Diante dessas constatações teóricas e do movimento desses fenômenos, a

---

<sup>9</sup> A médica María Neira, diretora de Saúde Pública e Meio Ambiente da Organização Mundial da Saúde (OMS) relata que a pandemia do coronavírus é mais uma prova da perigosa relação entre os vírus e as ações do ser humano sobre a natureza. Ela afirma que vírus como ebola, sars e HIV, entre outros, saltaram de animais para os seres humanos como consequência dos desmatamentos. Ver reportagem do jornal El País acessado em 24 de março de 2022 e disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-02-06/70-dos-ultimos-surtos-epidemicos-comecaram-com-o-desmatamento.html>.

pandemia da Covid-19 se impõe provocando formas de organização da vida social que merecem ser analisadas levando em conta o que é de fato o cotidiano, considerando o que Lukács trata como começo e fim de toda a atividade humana. Na medida em que a pandemia supõe um “novo normal” com uma configuração de tempo e espaço com exigências próprias para conter o vírus, pode ser que a análise sobre a realidade sintetize que essas mudanças são autênticas. Mas, fundamentalmente, nada se altera nas relações de produção que caracteriza o capitalismo. Portanto, as mudanças soam na superficialidade, pois as formas de sociabilidade permanecem as mesmas e as respostas aos problemas advindos dessas formas ficam nos limites do modo de produção.

Agnes Heller (2008), de acordo com Lukács, afirma que “a vida cotidiana é a vida de todo homem” (p. 31), pois todos os seres, ao nascerem, esbarram em uma materialidade social já dada. É nela que os indivíduos vão se ajustar para dar conta das necessidades das esferas orgânica e social. Porém, quando uma pandemia se constitui como ameaça à existência biológica, as atividades humanas que são partes orgânicas da vida cotidiana, tais como: o trabalho, a vida privada, o lazer e a atividade social sistematizada, necessitam que seja alterada sua hierarquia. Mas como o capitalismo determina as relações, essa modificação possui resistência.

O ser humano participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias (Ibidem). Mas Heller diz não ser possível que o ser humano, em respostas aos problemas do cotidiano, possa investir aquelas capacidades em toda sua intensidade, visto que haverá outros tipos de problemas que exigirão outras mobilizações e prioridades. Portanto, frente à pandemia, é fundamental acertar as escolhas das atividades de respostas (sobrevivência) entre a heterogeneidade que há na vida cotidiana. E neste caso, àquelas atividades cotidianas, próprias dessa forma social capitalista, não perdem o sentido, mas precisam ser apropriadas para oferecer respostas às ameaças à existência orgânica e social.

## As práticas corporais no cotidiano da pandemia nas orlas de Petrolina-PE e Juazeiro-BA

Através da fotografia como registro imagético do cotidiano, o estudo busca

identificar o acervo dos conteúdos da cultura corporal vivenciados na paisagem sertaneja em um território importante para a economia nordestina. Antes, servindo como base para os povos originários e quilombos montados em fugas adentrando o continente, passa a ser lugar de exploração dos colonizadores em busca de riquezas minerais e ocupação dos bandeirantes; também, amparando as cidades que passam a se concentrar em suas margens, o rio São Francisco se tornar um lugar de escoamento da economia local e desenvolvimento cultural e; atualmente, suas águas servem, ainda, para a produção de energia, para o agronegócio e a indústria do turismo.

As mudanças nessa paisagem têm revelado problemas ambientais que afetam o rio no domínio da crise estrutural que vai exigir o acúmulo de riqueza no mais alto nível de exploração, com o desmatamento da mata ciliar para a monocultura de commodities, a poluição urbana e agroindustrial, além do descontrole sobre o processo de irrigação, a dependência dos trabalhadores rurais do período de entressafras e o uso indiscriminado de agrotóxicos.

A paisagem se modificou tanto quanto as formas de experiência com o rio. Dessa forma, com a diminuição da pesca, a ausência de lavadeiras e do transporte fluvial, os ribeirinhos se misturam aos transeuntes em vias demarcadas por bares e turistas regulares, atualizando a memória desses lugares através da vivência dos diferentes conteúdos da cultura corporal atrelados às danças, lutas, ginásticas, jogos, esportes e o lazer como práticas corporais que vão traduzir tanto a resistência da cultura tradicional ribeirinha, como as expressões da institucionalização do corpo.

No contexto da pandemia da Covid-19, essa paisagem parece se configurar como um paradoxo relevante. As respostas oferecidas no cotidiano determinado pelas legalidades do capitalismo encontrarão outros problemas ainda mais trágicos e que desnudam e potencializam as contradições reconhecidas. Desse modo, exigindo assim novos saberes que possam proteger a espécie e o gênero humano da ameaça real e imediata do novo coronavírus e o risco de morte. Destarte, esses saberes podem se caracterizar como práticas corporais que assumem uma relação para além de sua expressão corporal imediata e vai buscar intencionalidades sociais mais explícitas e orientadas pelas normas atualizadas, bem como sua transgressão.



## O registro imagético das práticas corporais nas orlas

Com o auxílio dos registros imagéticos e das observações participantes em campo, descreve-se e se analisa as diferentes experiências com conteúdos da cultura corporal, identificados nas margens do rio São Francisco em Petrolina-PE e Juazeiro-BA<sup>10</sup>.

O caso das Maratonas Aquáticas desafia o entendimento da realidade, na medida em que essa prática passa a revelar as contradições desse contexto. Na figura nº 0, a imagem mostra uma barca levando 120 atletas, subindo o rio há 3.5km do local de chegada, em janeiro de 2022. No plano central, vê-se um único atleta usando máscara cirúrgica ao buscar atender às orientações protocolares oficiais. Tal fato vai traduzir o paradoxo que o estudo anuncia com a pandemia, sendo que a ação vai contrariar os ordenamentos gerais que costumam orientar o senso comum, partilhado pela maioria.



Figura 1: Atletas participantes de Maratona Aquática

Fonte: arquivo pessoal

Essa imagem parece representar bem o tensionamento entre as respostas que aparecem diante da pandemia. É o encontro no cotidiano de objetivações distintas, em que o acionamento de saberes fora do senso comum aparece como mobilização de prioridade específica.

---

<sup>10</sup> As imagens apresentadas foram selecionadas em resposta à questão central do estudo, mas o acervo é bem mais amplo e possível de acessar pelo perfil do projeto fotográfico concluído como parte do resultado deste estudo. Tal empreendimento foi premiado na segunda chamada do edital da Lei Aldir Blanc de Pernambuco em 2021, possível de conferir no perfil da rede social Instagram, disponível no endereço eletrônico <https://www.instagram.com/culturacorporalepandemia/>.

No caso do futebol, seu jogo tem suas variações no trato com a bola. Os fundamentos necessários ao jogo, tais como: drible, o cabeceio e o passe, por exemplo, acabam se configurando como parte de novos jogos criados dentro do futebol. O jogo de "Altinha" é um conteúdo dessa cultura corporal praticada em todo o país, mas que em Juazeiro-BA caracteriza-se como um tipo de jogo em que os componentes, em círculo, devem dominar a bola tocando um para o outro, sem deixá-la cair ao chão e buscando o erro de algum componente. Sem dribles, sem gol e adversário definido os jovens brincam de altinha (figura nº 02) atuando no território invisível que se transformou a pandemia. Tal metáfora é possível na medida em que mais de 650 mil pessoas perderam a vida no país, além de que, em Juazeiro-BA, uma semana antes desta fotografia, os leitos de UTI estavam com ocupação máxima.



Figura 2: Jovens jogam Altinha na orla de Juazeiro-BA – Fonte: arquivo pessoal

Esse contexto de enfrentamento da pandemia tem como uma das principais armas o distanciamento social, que é tido como uma das medidas eficazes para supressão da transmissão da COVID-19. Estimativas indicam que tal recomendação pode salvar milhões de vidas durante a pandemia<sup>11</sup>. Porém, esse arranjo causa impactos consideráveis no comportamento humano e altera significativamente o cotidiano e as relações sociais. Inclusive, uma consequência que marcou a vida nesses últimos anos é o apontamento da expansão de doenças mentais devido ao isolamento<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Medidas de distanciamento social salvam milhões de vida segundo trabalho divulgado por pesquisadores da Unicamp. Disponível em <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/estudo-matematico-liderado-pela-unicamp-demonstra-eficacia-do-distanciamento-social>.

<sup>12</sup> Segundo a Organização Pan-americana de Saúde a Pandemia de COVID-19 desencadeou aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. Disponível em <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>.

Em todas essas práticas corporais apresentadas no texto, os jovens parecem atuar em respostas à ausência de socialização durante longo período de restrições referentes ao isolamento. Mas mesmo nesses períodos foi possível identificar as pessoas vivenciando diferentes práticas corporais individuais e coletivas. Esse comportamento teve apoio oficial tanto em 2020 pela Unesco e o Conselho Ibero Americano do Esporte, quanto em 2021 pelo Fórum Nacional de Secretários de Estado de Esporte<sup>13</sup>. Para a primeira instância,

O isolamento obrigatório e autoimposto revelou, com singular evidência, a importância da atividade física, do exercício e dos hábitos saudáveis para manter uma vida sadia, no equilíbrio físico, intelectual e emocional. Resignificar social e politicamente a relevância e a função insubstituível da atividade física e do esporte do desenvolvimento integral do ser humano, é um desafio para o mundo do esporte e uma necessidade para a sociedade toda (ANDRÉS, 2020).

É importante considerar que os decretos governamentais buscaram ajustar protocolos para as práticas corporais e o uso dos espaços para as mais diferentes práticas e seu consumo. Contudo, ficou quase que impossível dar conta da fiscalização nos espaços públicos para essa decisão. O espaço e tempo protocolado pelas restrições é um objeto de estudo que merece atenção, na medida em que foram ocupados sob contradições notáveis em todo período das observações e registros deste estudo.

O esforço dessas instâncias públicas não se deu tão facilmente, na medida em que a relação entre governos e o movimento olímpico e esportivo em geral tem um grau de complexidade. Essa relação perpassa por interesses comerciais consideráveis. Assim, diante disso, a UNESCO e o Conselho Ibero Americano do Esporte passam a tratar a pandemia como um contexto que merece uma resposta imediata. Segundo Andrés (2020, p. 5), “Presenciamos uma conjuntura excepcionalmente favorável para reconfigurar a relação dos governos com o movimento olímpico, o mundo empresarial, o universo científico e acadêmico e, orientá-la para uma política mais racional e colaborativa”.

A citação acima se encontra no sumário executivo do texto relatório liderado pelo presidente honorário do Conselho Ibero Americano do Esporte. Mas é possível constatar

---

<sup>13</sup>O Fórum Nacional de Secretários de Estados de Esportes emitiu carta aberta à sociedade incentivando a prática de esporte como essencial no período da pandemia. Disponível em <https://fphand.com.br/home/forum-nacional-dos-secretarios-de-estado-de-esportes/>.

que tem o mesmo tom das bravatas empreendedoras que se assumem em tempos de crise. “A oportunidade está aí e quem enxerga em tempos de crise tem grandes horizontes” é o mote indicado na doutrina do choque formulada por Naomi Klein (2008). No livro que discorre sobre a ascensão do capitalismo de desastre, Naomi inicia sua introdução citando frases de parlamentares republicanos e empresários que enxergam no desastre do furacão Katrina em Nova Orleans, uma chance de abocanhar grandes oportunidades: impostos menores, pouca regulamentação, trabalhadores mais baratos. (KLEIN, 2008, p. 13) O congressista Richard Baker havia declarado que “Nós finalmente fizemos a limpeza dos prédios públicos de Nova Orleans. Nós não podíamos fazer isso, mas Deus fez” (Ibdem). Ao tempo em que um rico empreendedor, Joseph Canizaro, tocava no mesmo tom: “Acho que nós temos um terreno limpo para começar de novo. E com esse terreno limpo, temos algumas oportunidades muito grandes” (Ibdem).

Um aprofundamento dessas relações seria uma contribuição importante para compreender as políticas de enfrentamento à Covid-19. Especialmente por se tratar de um texto produzido até outubro de 2020, quando havia pouco conhecimento sobre uma pandemia que foi alertada oficialmente em 11 de janeiro de 2020, na cidade de Wuhan na China, quando da primeira morte registrada.

Mas a ameaça não se instalava sobre as vidas apenas, mas sobre toda uma forma de produzi-las. Assim, portanto, o impacto que a economia mundial sentiu precisaria de remédios de todos os tipos. Neste sentido, o esporte assumiria sua institucionalização para impulsionar não só vidas, mas também a economia. Para Lídia Brito, diretora do Escritório Regional de Ciências da UNESCO para a América Latina e o Caribe, “a partir do esporte, devemos pensar na reconstrução social e econômica de nossos países. O esporte não pode ficar isolado das discussões nacionais e internacionais que vêm ocorrendo sobre a recuperação durante e após a crise” (UNESCO, 2020).

O esporte institucionalizado, na representação das organizações internacionais, ligas, clubes e nas figuras de seus profissionais sofreram um impacto econômico considerável na suspensão e adiamento de eventos grandiosos, a exemplo dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos de Tóquio. Além disso, uma hipótese a ser investigada é o quanto os governos foram acionados para atenderem aos apelos dessas instituições e organizações nesse contexto de crise sanitária.

Portanto, é preciso considerar, neste estudo, que há determinações importantes sobre as práticas corporais em tempos de pandemia que estão nos discursos

motivacionais e orientadores de cartas abertas ao público e de cartilhas justificadoras das práticas esportivas em uma das maiores crises sanitárias que o mundo já sofreu.

Talvez esportes de raquetes na região possam esclarecer de que forma as práticas corporais atuam como respostas sobre a pandemia. Entre as práticas corporais que se mantiveram durante toda a pandemia o destaque vai para o frescobol. Praticado em local já costumeiro na orla de Juazeiro-BA, passou a ser uma alternativa considerada como segura pelos seus praticantes, quando assumem que respeitam as rotinas e protocolos exigidos oficialmente.



Figura 3: Jogo do Frescobol na orla de Juazeiro-BA  
Fonte: arquivo pessoal

A figura nº 03 ilustra bem como o jogo de frescobol representa uma prática inserida nos cuidados sanitários exigidos na pandemia. Contudo, é possível identificar na imagem que alguns outros meios de proteção são necessários de acordo com as orientações oficiais. O uso da máscara é comprovadamente eficaz, mas ocorre que os praticantes se sentem sufocados ao usá-la, especialmente quando a temperatura média da região fica nos 35° graus centígrados.

Torneios de Beach Tennis e práticas esportivas que envolvem redes divisórias de quadras, tais como: o futevôlei, começaram a se propagar na região, no início de 2020. Coincidência ou não é notável o aumento dessas práticas e seus praticantes, bem como as construções de espaços comerciais para sua prática na região.

É conhecido que os conteúdos da cultura corporal surgem como necessidades humanas postas historicamente. O esporte como uma institucionalização dos jogos que

atualiza o que se encontra nas relações sociais da modernidade pode indicar a forma como a sociedade se reproduz. No contexto da pandemia da Covid-19, quando percebidas como referencial para o desenvolvimento da saúde, tais práticas acabam sendo justificadas para a melhoria das funções imunológicas e para a defesa do organismo diante dos agentes infecciosos. No entanto, enquanto práticas corporais praticadas nos formatos coletivos e delimitadas por espaços específicos, sofreram com as restrições sanitárias. O que fez com que as pessoas passassem a vivenciar práticas corporais individualizadas e em ambientes considerados seguros do ponto de vista sanitário.

Com os centros de serviços de ginásticas fechados em longos períodos de 2020, devido aos decretos governamentais, as pessoas passam a realizar práticas corporais sistematizadas de forma online dentro de suas residências ou nos parques quando autorizados. A figura 04, mostra a prática de ginástica calistênica por jovens durante esse período dos decretos e de toques de recolher como medidas restritivas governamentais<sup>14</sup>



Figura 4: Jovens praticam calistenia na orla de Juazeiro-BA  
Fonte: arquivo pessoal

Mas é possível, ainda, que essas práticas corporais possam ser compreendidas como lazer no contexto da pandemia, na medida em que acabam sendo vivenciadas no tempo e espaço constituído pelas orientações de restrição sanitária. Não apenas o fechamento das empresas, mas também as alterações nos horários de funcionamento

---

<sup>14</sup> A Prefeitura de Juazeiro resolveu seguir o Decreto Estadual nº 20.259, de 28 de fevereiro de 2021, que prorrogou o toque de recolher para toda a Bahia, das 20h às 5h, até o dia 8 de março. Disponível em: <https://www.juazeiro.ba.gov.br/prefeitura-de-juazeiro-convalida-decreto-de-toque-de-recolher-na-cidade/>.

de trabalho e das obrigações escolares possibilitaram que muitas pessoas pudessem ter essas práticas como esse tipo de respostas aos problemas da pandemia.

Na figura 05, jovens se encontram na beira do rio São Francisco em Petrolina-PE para se banhar e brincar com suas bicicletas em horário que em condições de normalidade estariam dentro da escola assistindo aulas presencialmente.



Figura 5: Jovens brincam de bicicletas e se banho nas margens do rio São Francisco em Petrolina-PE - Fonte: arquivo pessoal

Mas ao vivenciar a dimensão do lazer para mediar as condições objetivas postas, os jovens parecem atuar sempre em contradição, pois não respondem adequadamente aos riscos de sua existência biológica. Assim, mesmo que assumam respostas aos danos psicológicos e sociais que a pandemia provoca, as suas escolhas expressam um sentido fragmentado, pois a pandemia exige uma adequação à materialidade posta que seja mediada por uma ação social orientada pela experiência da humanidade e suas conquistas científicas em totalidade, ou seja, é preciso superar a imediatividade que se estabelece no cotidiano<sup>15</sup>.

A pandemia da Covid-19 afetou os jovens em diversas esferas da vida. Algo que já era possível de constatar com o cenário da crise econômica e social que impacta o presente e o futuro das juventudes no Brasil. São fatores que se ampliaram sobre a

---

<sup>15</sup> O contexto de riscos a saúde e a vida exigem cuidados redobrados para conter a pandemia e evitar a contaminação. Aprender formas de convivência com a pandemia exige que outros modos de vida precisem desenvolvidos. O exemplo das cidades chinesas que voltam a ter restrições como a quarentena, fechamento de escolas, trabalho na modalidade home office e a ameaça de interromper as cadeias de suprimentos novamente, após 2 (dois) anos do início da pandemia, indica que é preciso alerta mundial sobre outra onda de contaminação. Mais informações disponíveis na reportagem de Zubaidah Abdul Jalil e Annabelle Liang, Covid: por que China volta à 'estaca zero' da pandemia com novo surto da doença BBC News em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60757266>.

saúde mental, a segurança alimentar, o processo educativo, a vida profissional e econômica. Segundo o Atlas das Juventudes no Brasil (CONJUVE, 2021), em 2020, a tendência a sentimentos negativos marcou a questão da saúde mental como tema prioritário entre jovens. Mais de um ano após o início da pandemia, 6 a cada 10 jovens relataram ansiedade e uso exagerado de redes sociais; 5 a cada 10 sentem exaustão ou cansaço constante; e 4 a cada 10 têm insônia ou tiveram distúrbios de peso. No cotidiano de parte dessa juventude, as escolhas e estratégias diante da pandemia parecem assumir, em certa medida, respostas aos danos psicológicos e sociais provocados.

Mas Agnes Heller vai dizer que “é adulto quem é capaz de viver por si mesmo a sua cotidianidade” (HELLER, 2008, p. 33). Mas os jovens fotografados parecem não assimilar e dominar a manipulação adequada das coisas que são imprescindíveis à vida na cotidianidade. Ou seja, os elementos necessários para garantir que as relações sociais em uma condição de pandemia sejam seguras, carecem dos novos valores derivados dos grupos que estabelecem os costumes, as normas e a ética necessária para o enfrentamento do cotidiano pandêmico.

Para não reduzir as análises sobre os jovens e, especialmente os do gênero masculino, a próxima imagem foi registrada após divulgação do boletim epidemiológico do dia 28 de janeiro de 2022<sup>16</sup>, quando em Juazeiro-BA, 100% dos leitos de UTI para pacientes com Covid-19 estavam ocupados. A figura 06 vai mostrar uma família se encontrando e confraternizando na orla de Juazeiro-BA, após vários meses de isolamento social conforme as orientações oficiais.



Figura 6: Grupo familiar se confraternizando na orla de Juazeiro-BA  
Fonte: arquivo pessoal

<sup>16</sup>Boletim Epidemiológico diário da cidade de Juazeiro-BA estar disponível em <https://www.juazeiro.ba.gov.br/covid-19-juazeiro-registra-novos-casos-no-boletim-epidemiologico-desta-sexta-feira/>.



O período de pandemia trouxe grande impacto sobre as famílias, inclusive, alguns se mantêm até os dias atuais em distanciamento social para proteção do grupo. Além disso, os dados de separação de casais aumentaram. Filhos ficaram órfãos de ambos os pais, alguns membros foram contaminados pelos próprios familiares, que por alguma medida não conseguiram dar conta dos hábitos e comportamentos exigidos pela pandemia. Depois de algum tempo, no "novo normal", as pessoas demandaram viver tempos livres das obrigações protocolares da crise sanitária. Todos necessitaram de encontros para dar conta dos afetos e cuidados.

Diante dos registros e observações expostas nesse artigo, acredita-se que a classe trabalhadora tem assumido estratégias arriscadas de transgressão do cotidiano imposto pela pandemia, para garantir o desenvolvimento de suas potencialidades. Fica evidente a falta de acesso às condições ideais e de políticas sanitárias de apreço à vida e que assegurem a segurança neste contexto de crise sanitária. No plano de fundo desta imediatividade, ainda ocorre nessa pandemia do capital, como diz Antunes, um impacto profundo sobre a totalidade corpórea humana, como exposto logo acima. Nessa linha de pensamento, as políticas econômicas afetam direitos trabalhistas, os problemas ligados ao meio ambiente, os modelos políticos que se assanham contra a democracia e um conjunto de interesses do capital que impedem o desenvolvimento humano pelo patrimônio cultural criado pelos próprios trabalhadores.

As condições objetivas para essas práticas da cultura corporal não estão dadas para a classe trabalhadora no contexto da pandemia. Se comparadas essas vivências com outras que se operam nos espaços assépticos dos milionários e pelos privilégios proporcionados no ambiente virtual, acessados por serviços ofertados por empresas que vão encabeçar as instâncias mais lucrativas nesse período, constatar-se-á a desigualdade social que se estabelece no país.

As demandas pelo lazer e a fruição na arte e nas práticas corporais se elevaram substancialmente nesses tempos de pandemia, pois o sofrimento se ampliou em todas as esferas da vida. Desse modo, o sentido da vida foi reduzido pela incerteza sobre o futuro. Diante desta configuração de mundo, o cotidiano se tornou um espaço e tempo de transgressões arriscadas no imediatismo. Nada diferente do que sempre foi incorporado no pandemônio da ordem capitalista, onde morrer como pobre e como negro ou nas condições das minorias tornou-se um costume.

## Considerações finais

O artigo buscou apresentar uma definição de cotidiano baseados em Lukács (1966; 2018). O filósofo defende que o ser humano como indivíduo (singular) é, simultaneamente, ser particular e ser genérico. Quando busca responder aos problemas no cotidiano, ou seja, numa situação concreta, o indivíduo se esbarra no imediatismo e fica limitado as orientações do senso comum. No entanto, o cotidiano é um campo onde é possível objetivações enriquecidas que acionam o patrimônio do gênero humano, a exemplo da ciência e das artes, para resoluções complexas.

Diante deste pressuposto, a discussão aqui empreendida buscou nas práticas corporais realizadas nas margens do rio São Francisco nas cidades de Petrolina-PE e Juazeiro-BA respostas quanto aos problemas e desafios postos pela pandemia da Covid-19 no que tange às relações sociais, ao acesso ao lazer, às alterações na paisagem urbana, à precarização do trabalho e aos aspectos relacionados ao esporte como campo de interesse do capital.

A constatação de relevância se faz pelas estratégias utilizadas pelos trabalhadores e trabalhadoras, representados por jovens e suas famílias, em resposta aos problemas gerados no contexto da pandemia numa tentativa fora das barreiras do imediatismo do cotidiano. O que se viu foram esforços para superar as limitações e consequências dadas pelo isolamento social, mesmo que se arriscando em driblar as restrições e protocolos sanitários, através de práticas corporais de costumes da região. Práticas essas que carecem do acúmulo dos saberes científicos para segurança sanitária em suas vivências. Pois se acredita que a pandemia lançou novas formas de lidar no cotidiano que exige saberes que não estão dados no imediato.

Talvez sejam possíveis, ainda, com os registros imagéticos fotográficos, as observações e as análises realizadas, subsidiar questões importantes e urgentes de proteção e preservação do rio da integração nacional. Identificando, também, as principais referências culturais com a participação das comunidades ribeirinhas, sinalizando sua importância para a qualidade de vida das pessoas e a proteção das águas. Essa é uma demanda clara, tendo em vista que há uma escassez de informações e conhecimentos sobre as atuais formas de viver e sua relação com a preservação do rio na região.

## Referências bibliográficas

ANDRÉS, Fernando Cáceres. O esporte em tempos de pandemia: um olhar desde ibero-américa. UNESCO e Consejo Iberoamericano del Desporte, Tradução: Patricia Belo. Covid-19 Resposta, 2020.

ANTUNES, Ricardo. Coronavírus: o trabalho sob fogo cruzado. São Paulo: Boitempo. E-book, 2020.

CONJUVE. Juventude e a pandemia do coronavírus. 2ª Edição, Relatório Nacional do Conselho Nacional de Juventude, maio de 2021.

DUARTE, Newton. A individualidade para si. 3ª ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Prefácio à edição brasileira. (In): ZIZEK, Slavoj. Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

HAN, Byung-Chul. O coronavírus de hoje e o mundo de amanhã. Jornal El País Seção Ideiais. Edição de 22 de março de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ideas/2020-03-22/o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han.html>

HELLER, Agnes. O cotidiano e a história. 8.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LESSA, Sérgio. Mundo dos homens: trabalho e ser social. São Paulo: Instituto Lukács, 2000.

LUKÁCS, Georg. Estética 1: la peculiaridad de lo estético. s.d., v.1. Barcelona: Grijalbo, 1966.

LUKÁCS, Gyorgy. Para uma ontologia do ser social. Vol I, São Paulo: Editora Boitempo, 2012.

LUKÁCS, Gyorgy. Para uma ontologia do ser social. Vol II, São Paulo: Editora Boitempo, 2012.

LUKÁCS, Georg. Introdução a uma estética marxista: sobre a particularidade como categoria da estética. São Paulo: Instituto Lukács, 2018.

KLEIN, Naomi. A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MÉSZÁROS, Istvan. Para além do capital: rumo a uma teoria da transição. São Paulo: Editora Boitempo, 2011.

MINAYO, M. C. S. (org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1999.

NETTO, José P. BRAZ, Marcelo. Economia política: uma introdução crítica. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SOARES, Carmem. (Coletivo de Autores). Metodologia da Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.

SALVAGNI, Julice. SILVEIRA, Marco Antônio Negri da. Discursos Imagéticos: a fotografia como método da pesquisa social. Anais Eletrônicos do II Encontro História, Imagem e Cultura Visual - 8 e 9 de agosto de 2013 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – Porto Alegre – Brasil GT História, Imagem e Cultura Visual – ANPUH-RS, 2013.

ZEFERINO, Bárbara Cristhinny G. Subsunção do trabalho ao capital entraves para a emancipação do trabalho. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Revista Eletrônica Arma da Crítica. Nº 8/outubro 2017.

ZIZEK, Slavoj. Pandemia: covid-19 e a reinvenção do comunismo. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.